

FILOSOFIA E TECNOLOGIA EM GABRIEL MARCEL

Victor Fabiam Gomes Xavier¹

RESUMO: O presente artigo fundamenta a relação entre filosofia e tecnologia refletida por Gabriel Marcel. No mundo de hoje não há como negar o papel imprescindível da tecnologia na vida humana. No entanto, também é perceptível o quanto a própria tecnologia tem destruído muitas pessoas. Sendo assim, Gabriel Marcel foi um filósofo francês do século passado que viu o início da tecnologia chegando nos lares, refletiu bastante sobre esse tema e deixou luz para a sociedade saber colocar a tecnologia no seu lugar. O papel do filósofo, nesse sentido, é de suma importância para não deixar que o ser se perca.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia, Tecnologia, Crises, Ser.

PHILOSOPHY AND TECHNOLOGY IN GABRIEL MARCEL

ABSTRACT: This article substantiates the relationship between philosophy and technology reflected by Gabriel Marcel. In today's world, there is no denying the essential role of technology in human life. However, it is also noticeable how technology itself has destroyed many people. Thus, Gabriel Marcel was a French philosopher of the last century who saw early technology arrive in homes, reflected a lot on this topic and left illuminating ideas for society on how to put technology in its place. The philosopher's role, in this sense, is of paramount importance to not let the being be lost.

KEY-WORDS: Philosophy, Technology, Crisis, Being.

¹ Graduação em Filosofia pela Faculdade Batista Brasileira (2014-2017); Especialização em Ensino da Filosofia pela Universidade Estácio de Sá (2017-2018) e Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Pernambuco-UFPE. E-mail: victorfabiam17@gmail.com

Introdução:

Gabriel Marcel trabalha temas muito sugestivos para ajudar a entender o homem do século XXI. E quando se fala neste século é preciso falar da relação entre o homem e a tecnologia, quais os pontos positivos e negativos dessa relação, onde o ser humano vai parar com essa relação e tantas outras coisas que, segundo Marcel, advém da tecnologia e são as grandes causadoras de desastres existenciais na atualidade.

Para Marcel, é claramente visível que hoje existe uma redução do mistério ao problema, E isso, na verdade, é uma característica muito própria do mundo atual, no qual há coisificação de tudo, inclusive do próprio homem, estando assim imerso na sociedade do descartável. Sociedade essa que coloca o ser humano como uma peça, um número. Olhar as redes sociais, por exemplo, é perceber que não importa quem está por trás das telas, mas sim a quantidade de seguidores do perfil.

O homem não pode ser só isso, só um número. O problema sempre carrega em si a necessidade de uma solução. Dessa forma, Marcel, quando abordava essa questão, trazia a ideia do binômio ser e ter, apresentando o ser, nessa perspectiva, como algo que somente consegue realizar o que a tecnologia realiza.

Essa realidade é regida pela imanência, mas não se pode esquecer que o ser também é mistério. Não se pode esquecer que existe uma perspectiva existencial a partir do ser encarnado e, assim, vigora também a dimensão da transcendência. Ou seja, o ser não é um objeto e, portanto, precisa de uma aproximação de conduta fiel ao ser.

Não causa estranhamento nem é um pensamento novo ao se dizer que o ter encontra-se no plano da técnica, da objetividade e quanto mais se tem, mais se quer ter, situação essa que tem levado o homem ao desespero e angústia, por não possuir tudo que o consumismo produz.

Gabriel Marcel chamou atenção para o cuidado com o espírito de abstração. Sendo esse espírito de abstração - que é uma doença da inteligência - também aliado à técnica, levando o ser humano ao fanatismo, que é, literalmente, como a massa se comporta. Isso

acaba gerando uma realidade cada vez mais vazia, esquecendo-se da noção de individualidade, de singularidade ou de existencialidade de cada pessoa.

Essas reflexões fazem parte de uma realidade que apresenta o quanto a situação do filósofo no mundo atual precisa ser refletida na perspectiva marceliana. O filósofo deve buscar criar uma filosofia da existência que possa dar sentido humano a si e às relações existentes. Ele deve estar ligado ao mundo e, concomitantemente, não se deixar levar pela proximidade das realidades, pois a proximidade total tem criado e sustentado a massa. Infelizmente, as massas são o humano degradado que não se conhece, não sabe sua origem, nem seu destino final. Nesse sentido, a situação do filósofo precisa ser eficaz, pois, no meio da massa, não cabe falar em educação, mas em adestramento, o qual tornou-se o grande responsável por levar muitas pessoas à fanatização, pensamento que é missão do filósofo combater.

A filosofia, como experiência dramática, deve ser possibilitada, conquistada e apropriada. Para isso, o uso das técnicas com os seus variados recursos, podem ajudar imensamente o professor de filosofia em sua missão. No entanto, se não conduzem o sujeito ao seu interior, acabam por limitar as condições de possibilidades do conhecimento.

Filosofia e tecnologia são duas áreas que não precisam brigar por seus espaços, elas não devem disputar por algo, até porque cada uma tem um papel importante e único na vida das pessoas. Quando cumprem as suas funções próprias realizam o ser humano, quando não, atrapalham bastante.

Tendo em vista o grande avanço da tecnologia, seria ilógico que um professor de filosofia a negasse. No entanto, Marcel sempre alertou que o progresso da técnica está aliado ao nível do consumo e, cabe ao filósofo, conseguir fazer com que os alunos compreendam melhor sobre essa idolatria aliada à técnica e à tecnologia tão presentes hoje em dia.

Quando se analisa a tecnologia, precisa-se imaginar o que está por trás dela, pois, quando a técnica cumpre seu papel, ela preenche as lacunas humanas e auxiliam o ser.

Entretanto, quando ela reivindica um lugar diferente, acaba por destruir a vida do homem, porque leva o ser humano ao desespero por não ver esperança no seu existir.

Diante de tudo isso, percebe hoje o que Marcel chamou de crise da metafísica, pois, com o avanço da ciência e da tecnologia, é notório que muitas pessoas estão reféns dessa técnica, escravos dela. Na medida que a tecnologia avança, o homem regride, no sentido que ele diminui o esforço reflexivo e se acomoda. Sendo assim, é urgente e necessária uma filosofia que reacenda o amor à vida e que faça com que as pessoas não sejam entregues a essa visão imediatista da existência.

Desenvolvimento:

Atualmente é muito difícil encontrar alguém que negue o avanço da tecnologia ou que afirme que sua existência não serve para nada. Um professor de filosofia também não dá para viver reclamando da tecnologia ou não se abrindo a realidade da mesma. Isso é século XXI e não é possível negá-lo, além do que, a técnica traz muitos benefícios e Marcel não demoniza a técnica:

Repita-se, com insistência que não faria sentido considerar a técnica em geral ou uma técnica em particular afetada em si mesma de um índice negativo. Seria até mais exato dizer que, a rigor, uma técnica em si mesma é boa, por encarnar certa potência autêntica da razão, ou por introduzir na desordem aparente das coisas um princípio de inteligibilidade (MARCEL, 1951a, p. 46-47).

Basta olhar o contexto em que Marcel viveu para se perceber o quanto a influência da técnica já ia se tornando presente com a emergência e a influência do cinema, do rádio, da televisão e da propaganda, formando a comunicação de massa, infelizmente propagando a alienação contra a dignidade do ser humano.

O que não se pode negar é que apesar do grande valor da técnica e do seu significado para o ser humano, logicamente ela pode se degradar e se perverter. Um simples olhar para a Segunda Guerra Mundial na vivência de Marcel revela que "estes mecanismos de persuasão das consciências transformaram a existência humana num

processo de produção e consumo, que resultou na obliteração do agir livre e da capacidade de o homem fazer-se autenticamente" (SILVA, ESCOLA E RÖHR, 2015, p. 96). Isso é cada vez mais compreensível até porque o que está por trás de cada técnica e tecnologia é o interesse particular de alguém ou de algum grupo que a pensou:

Lembremos esta verdade conexas: o êxito técnico surge cada vez mais como o sinal mais importante, se não único da superioridade humana, em um mundo absurdo ou informe. É certo que poderia haver nisto uma reivindicação prometeica não destituída da grandeza em si própria; mas degrada-se e perverte-se ao nível do consumidor (MARCEL, 1951a, p. 47).

Marcel sempre afirmou que o progresso técnico, perverte o ser humano no nível do consumo. Hoje se vê claramente que o ressentimento e a inveja se centram nos objetos que o consumismo coloca como fundamento da felicidade. E, nesse sentido, professor de filosofia tem que ter a coragem de analisar essa realidade e saber levar os alunos a uma compreensão melhor a respeito dessa idolatria aliada a técnica e tecnologia.

A verdade é que os progressos da técnica expõem cada vez mais o homem à tentação de atribuir aos seus êxitos um valor intrínseco que não podem ter, de modo algum. Poderia dizer-se simplesmente que o progresso técnico expõe o homem ao perigo da idolatria (MARCEL, 1951a, p. 50).

Com isso, não se trata de incriminar as técnicas em si, pois quando elas preenchem as lacunas humanas, auxiliam o ser e cumprem seu papel, sua função, têm um objetivo louvável, porque não estão reivindicando nenhum primado do ser sobre o fazer.

Marcel diz que: “deve-se declarar, neste sentido, que a estatização da ciência e da técnica é das piores calamidades do nosso tempo” (MARCEL, 1951a, p. 63). Assim, pode-se afirmar que um grande problema do mundo da técnica é que a vida é cada vez menos amada e mais desprezada. "A vida é cada vez menos vista como uma bênção" (MARCEL, 2010, p. 14).

O que se pode verdadeiramente parar e se perguntar é: quantos meios de informação existem e porque se encontram tantas pessoas desinformadas? Por que tanta

pesquisa científica e tanto relativismo imperando e não o anseio pela busca da verdade? E se não há uma verdade, então para quê tanta pesquisa, se cada pessoa pode ter sua opinião como verdade absoluta? Uma coisa é fato, o homem de hoje sente que consegue fazer tudo, que a ciência responde a todas as suas perguntas, mas não é bem isso que se vê por aí a fora.

Ao mesmo tempo que o progresso científico e um certo cientificismo parecem dar toda segurança e resposta ao homem, levando-o a autossuficiência (pensar por si mesmo, realizar tudo que queria...), percebe-se claramente que essa felicidade plena que é pregada por esse arcabouço da tecnologia não é o que se encontra nos serviços de psicoterapia e escuta espalhados pelo mundo. Como diz Carvalho:

Reconhecem-se os avanços tecnológicos, bem como os benefícios destes para a vida em sociedade. Apesar disso, percebe-se que o homem atual, por si mesmo, ainda não pôde responder à grande pergunta sobre o sentido da vida. Não conseguiu saber, por si mesmo, qual é o seu lugar neste caminho da história. Parece “preso” no muro da autonomia científica sentindo-se, por um lado, autossuficiente, mas, por outro, cada vez mais desamparado, sozinho, sem sentido, demonstrando dificuldade para ver além das coisas, das aparências, do consumismo desenfreado. Parece não saber como sair do conflito dessa situação, na qual se encontra em tensão entre sua resposta e a resposta dos outros (2017, p. 10).

Isso sim é uma crise dos tempos modernos, em que o homem atual, como diz Marcel, está em agonia. Não a agonia dos gregos que procuravam as respostas sobre a natureza, sobre o que movia o mundo e os seus movimentos, mas uma agonia triste, ligada ao desespero por não ver esperança no seu existir:

Cerca de três quartos de século depois da afirmação de Nietzsche: - Deus está morto – outra afirmação, menos proferida do que murmurada na angústia, agora lhe faz eco: o homem está em agonia. Dizer que o homem está na agonia não é julgá-lo em presença de um acontecimento exterior, como por exemplo a destruição da Terra por um cataclismo sideral, mas perante possibilidades de destruição completa de si mesmo, existentes nele, desde que faça mau uso, uso ímpio de suas capacidades. Podemos pensar aqui tanto na arma atômica como nas técnicas de aviltamento (*avilissement*) tais quais foram e são usadas nos Estados totalitários sem exceção (MARCEL, 1951b, p. 17-18).

Essa constatação de que o homem está em agonia poderia e deveria levar o homem a encontrar-se com Deus, o Deus vivo e não morte de Deus que Nietzsche afirmou e que tem levado muitos jovens a concordar, por não terem tido um bom professor de filosofia que o levasse a, no mínimo, perguntar o que está por trás dessa mentalidade nietzschiana:

Penso que, ao filósofo digno da sua missão, incumbiria combater diretamente as forças desonestas (*sournoises*) que tendem à neutralização do passado e pela sua ação conjugada suscitam o que chamarei insularização (*l'insularisation*) temporal do homem contemporâneo. Neste, como em muitos outros aspectos, penso que deveria restaurar-se a unidade de visão poética e da criação filosófica de que os grandes pré-socráticos nos dão alguns dos primeiros exemplos conhecidos (MARCEL, 1955, p. 34-35).

Mesmo assim, essa realidade de adeptos irracionais à morte de Deus nietzschiano não significa que a técnica seja expressão do pecado. Seria ilógico ver na técnica - que cumprindo sua missão é espetacular - uma aversão a Deus. Até porque a técnica é fruto da inteligência humana, e essa é iluminada por Deus. Ou seja, há um elemento do Sagrado na técnica. O problema e até se pode chamar de doença é que hoje qualquer motivo em que há uma fraqueza da técnica, há uma mentalidade que o mundo regressou à barbárie.

É notório e ninguém pode negar que a grande crise do homem hoje é a crise metafísica. Com esse avanço gigantesco da ciência e da tecnologia gerou-se homens com mentalidade de um cientificismo arcaico. Literalmente evaporou-se a humanidade do homem, tornando-o um objeto, às vezes objeto ou refém da própria tecnologia que ele criou e que tem servido para destruir as suas famílias. Como diz Marcel: "onde se coloca como o inicial absoluto da tecnologia, desenvolve-se inevitavelmente um processo de dessacralização que ataca a vida e todas as suas manifestações, particularmente a família e tudo o que a ela se relaciona" (2010, p. 17).

Nesse sentido, Marcel configura a técnica ao idealismo racionalista, pois a técnica quer assegurar ao homem um domínio de um objeto e é próprio de qualquer técnica dominar ou tomar posse de algo, até porque a ciência hoje é resumida assim: um conjunto de processos metodicamente elaborados. Por isso, podem ser divulgados e propagados, onde se encontra uma certa especificação da razão e toda atualização se faz possível

porque há um determinado fim concreto. Fim esse que a tecnologia jamais aceitaria como mistério.

E quando o homem tenta esse desenvolvimento desenfreado sem colocar os limites do conhecimento, o que era próprio também do idealismo e racionalismo, ele adoece, porque se vê infeliz num beco sem saída que esbarra em um muro que diz: daqui para frente você não vai, e isso leva-o a angústia existencial. É o que opina Marcel do tipo de câncer. "O tipo de câncer generalizado que a burocracia constitui em quase toda parte só é possível através desse tipo de degradação e é muito difícil, é até impossível ver como esse mal pode ser evitado" (MARCEL, 2010, p. 18).

O «homem técnico» que investiga, descobre e realiza tem todo o direito à celebração da alegria, da alegria íntima, incompatível com o gozo fáustico. Marcel, porém, preocupa-se mais com a tecnomania do que com a técnica propriamente dita. As grandes conquistas da técnica apresentam-se-lhe com uma radical ambiguidade. Com que preço tem sido pagas? O homem não é considerado tanto como espírito, quanto como capacidade técnica, como inteligência ordenadora dum mundo de que tenta livrar-se. Faltando-lhe o esforço de síntese e de visão total, único manancial de inteligibilidade, o mundo será problema indecifrável para uma mente tecnicizada (TEIXEIRA, 1978, 62-63).

É inegável que quanto mais o homem se aperfeiçoa nas técnicas, tanto mais o sujeito particular se torna escravo delas. Existe um efeito contrário na relação entre homem e tecnologia, porque a medida que a tecnologia progride e avança, mas o homem diminui o esforço reflexivo e o questionamento do homem, o que o leva ao comodismo de respostas prontas para quaisquer perguntas.

Sendo assim, a única solução se o ser não quiser ser subjugado pelo objeto, diante desse paralelismo entre o progresso da técnica e o progresso da objetivação, do problemático, o metaproblemático que se torna metatécnico é a conquista do interior. "É a interioridade que se recupera aqui, por um ato do qual não se deve dizer apenas que é livre, mas que é a própria liberdade" (MARCEL, 2010, p. 20).

O ser humano precisa lutar por essa vida interior, por essa liberdade, não pode aceitar que essa técnica possa desumanizá-lo, tirando-lhe o que é próprio de sua

existência; as raízes da verdadeira alegria, incompatível com os atentados à contemplação e à reflexão.

Hoje, infelizmente, até um mal moral é confundido com um erro técnico. E essa visão tecnológica, muitas vezes tirânica, traz a tristeza, porque não é capaz de gerar alegria e esperança. Quando as técnicas se mostram ineficazes na vida das pessoas começa a existir uma presença da morte.

Nesse aspecto, a filosofia marceliana precisa ser cada vez mais difundida, pois ela tem duas grandes missões: além de partir da vida concreta também é um chamado a dar respostas para a questão do sentido mais profundo da vida, o que leva a filosofia de Marcel não se restringir unicamente a questão meramente acadêmica.

Marcel foi muito sábio ao identificar que a vida não é amada e que isso acontece cada vez mais por ver que o sentido sobrenatural não se mantém e é justamente aqui que entra o papel do professor de filosofia, que estando nesse contexto não pode passar na vida dos alunos sem fazê-los perceber que foi quebrado um elo nupcial entre o homem e a vida e que é preciso restituir isso para que o ser não esteja entregue a essa doença que se vê, onde nada se parece menos com o amor à vida do que o gosto doentio do prazer instantâneo (consumismo, hedonismo...).

Ao professor de filosofia cabe seguir fielmente sua missão, fazer com que seus alunos reascendam o amor à vida, para que os alunos não estejam entregues a essa visão imediatista da existência, como diz o próprio Marcel: “A questão dominante é hoje a de saber como pode reatar-se a ligação, como reacender o amor da vida em seres que parece não o sentirem de modo algum” (MARCEL, 1951, p. 140). Dessa crise de valores não é possível sair, sem ver o que está fora dela.

que deve entender-se por crise dos valores? O terrível mal-estar espiritual da humanidade (falo em especial, da Europa e da Ásia, mas talvez da América, tanto quanto ela se liga ainda diretamente à Europa), resulta de estar produzindo uma espécie de transvalorização maciça, ou o que podia chamar-se mais simplesmente uma mudança completa de horizonte espiritual (MARCEL, 1951, p. 122).

Se alguém perguntar qual é o gerador dessa crise, teriam inúmeros fatores, mas esta redução dá vida ao imediatamente vivido e a vitória da técnica também é uma promoção do cinema, do rádio, da mídia em geral que ao invés de construir uma sociedade alicerçada na esperança de dias melhores, tem feito dos noticiários apenas desastres ao coração humano já ferido por tantas dores existenciais. Marcel vendo isso iniciando já preconizava o papel do professor de filosofia quando insistia sobre a verdadeira filosofia dos valores:

uma filosofia dos valores erra ao empregar um termo que, irresistivelmente, evoca ideias de medida, portanto, de escolha, para designar uma coisa de ordem inteiramente diversa. Entretanto, não cedamos à tentação de objetar, de coisificar o que se discute: há uma perspectiva central de onde deve considerar-se o que, impropriamente, chamamos valor; e é essa perspectiva que devemos examinar primeiro [...] insistamos em que a palavra inglesa work tem o sentido de valor e é diretamente aparentada com a palavra wert que em alemão é o termo técnico. Suponhamos que o conferencista fica quase áfono (aphone); o seu valor, irá diminuindo e, no limite, não valerá coisa alguma. Mas o valor assim figurado fica nas mediações do rendimento e da função (MARCEL, 1951, p. 129-130).

É preciso urgentemente tirar o homem desse beco sem saída, levando-o a refletir sobre o sentido da sua vida, o mistério que existe e que o homem não se torna menos humano por não conseguir decodificar tudo, revalorizar a característica de especular as coisas que é próprio do ser animal racional, sem esquecer do seu recolhimento inerente a sua existência. Só assim, nascerá um humilde testemunho de realidades transcendentais. E uma das formas de melhorar essa situação é com a presença de uma religião autêntica.

Tendo já acenado à técnica e à tecnomania como factores de desumanização, importa agora referir em que medida elas podem ser igualmente factores de irreligiosidade. A religião, se autêntica, ou seja, enquanto se opõe à magia, é o contrário de toda a técnica pois funda uma ordem de coisas onde o sujeito é incapaz de manipular as realidades que lhe são propostas, realidades que, de direito, lhe escapam, embora não sejam alheias ao seu ser mais profundo. Entre o ser e a alma instaura-se um intervalo, o intervalo da transcendência do ser. A mentalidade técnica anula este intervalo, postulando um terreno onde não caibam nem transcendência nem inverificabilidade, o que logicamente conduz ao racionalismo e, conseqüentemente, à negação religiosa. Se as técnicas prevalecem sobre a actividade espiritual, só resta ao homem o sentimento do prazer, da dor, da pena, do esforço. No reino da tecnomania florescem algumas perversões típicas do nosso

tempo, entre as quais podemos salientar o orgulho, a angústia, o desespero e o tédio (TEIXEIRA, 1978, p. 74).

Por fim, o objeto da filosofia ou o objeto da investigação, segundo Marcel, é o próprio investigador, não simplesmente porque ele é um ser, mas porque é o primeiro ser que ele encontra em sua própria e imediata experiência no mundo. Por isso, a primeira preocupação da filosofia é este fato. Pode-se dizer, com isso, que a existência no mundo e a filosofia devem ser existencialistas. Em segundo lugar, como a sociedade está ligada a técnica e é por ela desenvolvida, aliena a singularidade autêntica e com sua massificação causa a perda da realidade original.

Conclusão:

Gabriel Marcel é essa voz que grita anunciando ao mundo que o ser humano e a filosofia precisam ser repensadas para andarem juntas novamente e sempre. Ainda mais hoje, com a total dominação da tecnologia na vida diária das pessoas.

Percebe-se claramente que o mundo hoje está imerso em várias crises. Seria ilógico colocar a culpa em um só fenômeno, pois tudo que existe faz parte de um conjunto de processos que vem acontecendo ao longo de dias, meses, anos, séculos e milênios passados na história.

É realmente fato que um dos pontos cruciais da crise do ser humano tem sido a redução da dimensão de mistério. Hoje as coisas vividas e divididas entre as pessoas são ligadas a problemas, sendo estes baseados em um mundo literalmente empírico e criador de soluções técnicas e tecnológicas para tudo, analisando-se com isso que quando não se encontram as soluções para esses problemas, o ser humano se entrega a angústia e ao desespero por não ver esperança em dias melhores.

Paralelamente a isso, encontra-se a busca desenfreada pelo prazer. O famoso hedonismo que prevaleceu como sistema filosófico em muitos momentos da história, hoje tem muita força, quando aliado a técnica e a tecnologia colocam o consumismo como fonte de felicidade. E mais uma vez, o homem não sendo possuidor dele mesmo, encontra-

se limitado trabalhando para ter o que lhe preenche e nunca conseguindo ser o que realmente deveria ser: ele mesmo.

Tudo isso e muito mais esbarra na necessidade de uma verdadeira filosofia. Essa filosofia é um tema importantíssimo que este artigo faz questão de expor, deixando claro que enquanto a filosofia não ocupar seu lugar será muito difícil o ser humano se libertar dessas amarras próprias da vida presente.

A missão da filosofia é combater todo e qualquer fanatismo e, por isso, o professor de filosofia precisa inspirar e despertar o aluno a ser protagonista da sua vida e não mero espectador que espera o nascer, o viver e o morrer, sem escolher o seu caminho de realização que consiste na formação da sua dignidade e autenticidade pessoal.

Para que tudo isso se concretize, precisa-se de uma viagem, onde o homem é levado ao seu interior, como bem fazia o filósofo que não pode ser esquecido: Sócrates. Essa viagem ao interior e realização do ser hoje pode ser auxiliada pela técnica e tecnologia que não colocadas como idolatria, preenchem as lacunas humanas e ajudam o homem a crescer.

Por fim, quando Marcel tocou na crise da metafísica, sendo essa "busca daquilo que é, do ser, cumprida por cada um por conta própria na busca da verdade, elevada a valor vital, isto é, algo de vivido, fruto de uma experiência pessoal" (MONDIN, 1980, p, 230), alertava para a ilusão da felicidade ligada à conquista do avanço técnico. Ele estava certo e isso precisa ser dito mais uma vez: se a tecnologia não cumpre seu papel, ela avança e o homem regride, porque diminui o esforço reflexivo do ser, tornando-o puramente acomodado. Aqui entra urgentemente o papel da filosofia como forma de reacender o amor à vida nas pessoas e não deixar o ser humano ser levado pela visão imediatista da existência.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, G. O. **A esperança no tu absoluto como fonte suprema de consistência e sentido da vida na filosofia de Gabriel Marcel.** (Tese de Doutorado em Ciência da Religião). PUC-SP, 2017.

MARCEL, Gabriel. **Os homens contra o homem.** Porto: Editora Educação Nacional, 1951.

_____. **“Teatro y Filosofía. A propósito de Rome n’est plus dans Rome”.** Em: Revista Sur. No 202, agosto 1951a.

_____. **“Les Mouches, par J.-P. Sartre”.** Em: Les Nouvelles littéraires. 18 de enero de 1951b (reimpreso en L’Heure théâtrale).

_____. **Decadencia de la sabiduría.** Buenos Aires: EMECÉ, 1955.

_____. **Présence de Gabriel Marcel - le sacré a l’âge technique.** Paris: Nouvelles Imprimeries Laballary, 2010.

MONDIN, B. **Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras.** [tradução de J. Renard; revisão técnica de Danilo Morales; revisão literária de Luiz Antônio Miranda]. São Paulo: Paulus, 1980.

SILVA, Ezir George; ESCOLA, Joaquim José Jacinto; RÖHR, Ferdinand. **Papel do professor de filosofia da educação na era da técnica e da tecnologia: contribuições do pensamento de Gabriel Marcel para a vivência pedagógica numa perspectiva da formação humana.** Revista N°. 13/2015 GFE/INSTITUTO DE FILOSOFIA DA FLUP, p. 96-105.

TEIXEIRA, Joaquim de Sousa. **A apologética filosófica de Gabriel Marcel. Didaskalia.** Lisboa. ISSN 0253-1674. 8:1, p. 55-88, 1978.